

## “MORREU DOM FUAS...”

**Joana Meirim\***

“Morreu Dom Fuas...” pertence a *40 Anos de Servidão*, livro póstumo com poemas inéditos, editado por Mécia de Sena um ano após a morte de Jorge de Sena. O poema anuncia logo no título aquilo que é, um obituário. No primeiro verso catafórico, ficamos a saber, em primeiro lugar, de uma morte (“Morreu”), depois de um nome (“Dom Fuas”) e só mais tarde a quem pertence este nome (“gato meu sete anos”). Este obituário pungente fala-nos de duas profundas injustiças: a de morrer (claro!), e, pior ainda, a de se “morrer sozinho, solitário” num hospital, como morre este gato “pomposo, realengo, solene, quase inacessível”.

Nas três primeiras estrofes, o poeta apresenta as características expectáveis desta espécie animal: a pose aristocrática de um “angorá gigante/ cendrado e branco, de opulento pêlo”; a “elegância desdenhosa”, i.e. a distância face aos seres humanos; e o respeito que impunha a sua majestade, “que jamais miou para pedir que fosse”. A cauda assemelha-se a um “elmo legendário” ou não fosse o cavaleiro de D. Afonso Henriques – D. Fuas Roupinho (personagem também de uma narrativa histórica inacabada que assinala a estreia ficcional de Jorge de Sena) – o seu padrinho de batismo. Apesar da altivez que revela, a adversativa com que começa a estrofe seguinte (“Contudo, às suas horas”) assinala a humanidade deste gato. A visita que empreendia à casa dos seus donos nem sempre visava satisfazer a fome ou exhibir condescendência, qual, na alusão proustiana, “duquesa de Guermantes recebendo Swann”. Tinha, então, “instantes de ternura toda abraços”, regressando depois “aos seus paços de império, ao seu olhar ducal”.

Se as três primeiras estrofes dão conta do ápice da vida deste gato, a segunda parte do poema, que ocupa as outras três, descreve a fase da queda. À opulência e orgulho iniciais do seu retrato opõem-se agora a humilhação e

o sofrimento de uma doença. Assistimos assim, dolorosamente, ao desmoronamento de uma vida imperial. É, aliás, num registo mais coloquial que ficamos a saber da causa: “Andava adoentado, encrenca sobre encrenca”. A doença de que padece leva-o, por sua vez, ao internamento americano “no hospital do veterinário”, e é de lá que a família do gato, na qual o poeta se inclui, fica a saber da sua morte, anunciada via telefónica pela “amável voz profissional de uma secretária solícita”.

Na penúltima estrofe deste poema, destaca-se a desumanidade da morte. “De morte natural nunca ninguém morreu” é o *incipit* de “A morte, o espaço e a eternidade”, poema que decreta perentoriamente – “É uma injustiça a morte”. Pior do que morrer sozinho, “de que se morre sempre”, mesmo em público com a família toda à volta, é morrer na “solidão tecnocrata, higiénica”, no ambiente asséptico do hospital que “suprime” – repare-se na irreversibilidade contundente do verbo utilizado – o ente querido. O poeta contrasta ainda a morte de “qualquer humano aqui”, nos EUA, com a de “ser-se o animal que morre”. Este tem a pretensa vantagem de nunca mais ser visto pelos seus donos, de não haver mais testemunhas da sua humilhação, o que pode ser um alívio num “gato que era tão orgulho em vida”.

O tom pungente do poema atinge o seu auge na última estrofe, quer pelo facto de poder ser lido como um autorretrato prospetivo, sendo inevitável pensar que este poema foi escrito a menos de um ano da morte de Jorge de Sena, quer por nele reconhecemos a mágoa que atravessa a sua obra: a falta de “consonância por assim dizer musical entre sua vida e sua terra de nascimento”, nas palavras de Carlos Drummond de Andrade. À injustiça da morte acresce agora a iniquidade de se morrer longe da terra: “Dom Fuas, tu morreste. Não direi/ que a terra te seja leve, porque é mais que certo/ não teres sequer ter tido o privilégio de dormir para sempre na terra que escavavas”.

A justiça possível, embora incapaz de reparar a crueldade da morte do seu gato durante sete anos, é a possibilidade de lhe garantir a sobrevivência do seu nome: “Nenhum mais/ terá teu nome como outros tantos gatos/ antes de ti foram já Dom Fuas”. Num texto sobre o exílio, E. M. Cioran refere que um exilado consegue abdicar de tudo menos do seu nome. Ora, a ideia de preservação do nome é essencial para Sena neste poema e em toda a sua obra – “Camões dirige-se aos seus contemporâneos” é disso um exemplo perfeito. A imprecisão que dirige aos contemporâneos consiste no castigo póstero de os seus nomes serem esquecidos e de o seu ser conservado, contrariando a morte e acedendo assim à imortalidade. Dom Fuas morre, mas tem acesso à eternidade, pois pelo menos o seu nome será único e intransmissível.

---

\* Professora na Universidade Católica Portuguesa e investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC) da mesma universidade. Fez o seu doutoramento no Programa em Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa com uma tese sobre Jorge de Sena e Alexandre O'Neill. Tem dedicado a sua investigação a estes dois autores, tendo coeditado a correspondência entre Jorge de Sena e Carlo Vittorio Cattaneo e publicado recentemente um livro coletivo de ensaios sobre Alexandre O'Neill. Coedita o site de poesia e crítica *Jogos Florais*.